5.º ANO LISBOA—QUINTA-FEIRA, 14 DE JANEIRO DE 1926 N.º 1468

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2.º Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 49
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

CLEMENCEAU concluiu as suas *Memorias* —quatro volumes que formam um total de duzentas mil palavras. Devem aparecer em 1927.

O glorioso octogenario revive o seu passado de jornalista, de politico, de orador e de polemista. De vez em quando, o satirista resurge e despede o seu dardo.

Hão de ser lidos com ansiedade os capitulos consagrados á guerra e á paz.

Clemenceau calou se, enquanto os seus adversarios o aboçavam com furia cega.

Chegou a sua hora—serena e justiceira.

As suas *Memorias* terão, entre outros, este grande merito—mostrar que a sua obra de patriota não pode ser negada e muito menos destruida, a não ser que a França se diminua juntamente com ela.

* * *

O SR. ministro das Colonias instituiu dois premios anuais de «Literatura Colonial», respectivamente de 5.000$00 e 2.500$00. Achamos esta iniciativa interessante e digna de elogio. Portugal é um dos paises mais pobres de literatura colonial. Além duma ou outra obra digna de menção, a nossa literatura colonial não passa duma literatura burocratica, de oficios e relatorios massudos, uma literatura do genero «tenho a honra de passar ás mãos de v. ex.ª...»

Por isso, damos todo o nosso aplauso á portaria do sr. general Vieira da Rocha, que foi inteligentemente inspirada pelo agente geral das Colonias, engenheiro sr. Armando Cortesão.

* * *

LORD Rothermere, quando regressou da sua ultima viagem á America, gritou aos operarios e industriaes ingleses:

—«De duas umas: ou alargamos as nossas exportações ou morremos de fome!»

Como entre nós o tempo se passa num rumoroso lavar de roupa suja, que absorve todas as nossas actividades,—intrigas, acusações, calumnias, balburdias e ameaças—receamos que chegue uma epoca, que não deve estar longe, em que nos encontremos tão faltos de recursos que nos vejamos obrigados a dizer uns aos outros:

—«Lutámos como leões para, no fim de contas, morrermos á fome.»

* * *

JOÃO DIABO é um anonimo, tão misterioso como bondoso, que todas as semanas escreve ao nosso querido camarada Alvaro de Andrade, enviando-lhe quantias para os pobres deste jornal. Os agradecimentos dos contemplados que temos presentes sobem a a algumas dezenas.

«João Diabo» tem o dever,—o dever que lhe dá a sua generosidade, de aceitar essas lagrimas de reconhecimento. Aqui empregamos o Satanaz altruista a saír da sombra para colher as flores humildes que lhe oferecem aqueles que ele protege amiudadamente.

* * *

MADAME Gabrielle Reval, realizou, em Valenciennes, uma interessante conferencia sobre Portugal, tendo falado com a maior simpatia da nossa paisagem e dos nossos monumentos.

A nossa historia tambem não foi esquecida, e o relato que fêz da tragedia de Inez de Castro impressionou grandemente a assistencia.

Os jornais de Valenciennes e de Amiens fazem lhe os mais rasgados elogios.

O orçamento do Estado

é ámanhã apresentado ao Parlamento

O sr. ministro das Finanças apresenta ámanhã ao Parlamento a proposta de orçamento geral do Estado, cumprindo assim o disposto no art. 54.º da Constituição, que reza o seguinte:

«Nos primeiros quinze dias de Janeiro, o ministro das Finanças apresentará á Camara dos Deputados o Orçamento Geral do Estado.»

Como, ha bastantes anos, uma incuria inexplicavel tem presidido á organização das contas publicas, não podemos deixar de frisar o honrado proposito do sr. dr. Marques Guedes, que sabemos disposto a acabar com uma pratica que tem tanto de desordenada como de ruinosa.

Ainda agora se fazem calculos sôbre o montante do *deficit*, havendo a tal respeito diferenças de apreciação de muitos milhares de contos.

Se o Parlamento, como nós acreditamos, possue a noção exacta das suas responsabilidades, cumpre-lhe preparar-se para a discussão da lei de meios com todos os elementos de estudo e critica de que necessite, esclarecendo o país de maneira que este entenda, em algarismos claros, qual é o caracter—animador ou desanimador?—da nossa situação financeira.

Como dissemos ha dias, a nossa contabilidade exige uma reforma urgente e profunda, para que fique clara na sua complexidade e rigorosa nas suas operações.

Porque não ha de o actual governo empenhar-se numa reforma que já se reclamava no tempo da Monarquia e que hoje é uma das condições indispensaveis para a regularisação e moralisação das nossas finanças?

A simples entrega ao Parlamento do Orçamento, sendo alguma coisa de importante, tem que ser acompanhada de outras medidas que nos encaminhem seguramente para o seu equilibrio.

Desde que a nossa moeda entrou num periodo de revalorisação indiscutivel, convem que aproveitemos a feliz oportunidade para entrarmos sem detença numa politica de boas contas.

Os srs. dr. Alvaro de Castro e Velhinho Correia têm sido partidarios tenazes da redução e compressão de despezas, certamente por acreditarem que, sem uma severa economia, o nosso «deficit» não desaparecerá.

O *Diario de Lisboa* sustentou sempre esta doutrina, que se funda no exito que ela tem obtido nos paises que surgiram do cáos financeiro, suprimindo os gastos supérfluos e encurtando até os necessarios.

Terá o governo ensejo de proceder, nesta materia, conforme o imperio das circunstancias?

O seu antecessor, precisamente por haver confusão na contabilidade, que se acompanha, logicamente da confusão na Tesouraria, avolumou o desiquilibrio orçamental, não obstante os seus manifestos desejos em contrario.

Se não quizermos entregar-nos a erros que se pagam caro, visto que, quando o Estado se torna perdulario, os contribuintes tornam-se avaros, o melhor é mudar de sistema.

A discussão do Orçamento pode e deve marcar um grande sintoma de resurgimento, sobretudo se fôr feita á luz desta verdade—enquanto a cobrança dos antigos não deu o seu maior rendimento, é inutil pensar em votar novos impostos.

DO ministerio das Finanças recebemos a seguinte nota oficiosa:

«Nos termos do contrato de Tesouraria, em vigor, celebrado entre o Estado e os seus banqueiros londrinos, Baring Brothers, o qual prevê uma abertura de credito caucionado até o limite maximo de libras 250:000, o Tesouro, ao abrigo dessa clausula contractual, pediu em outubro de 1920 a abertura desse credito e dele se utilisou. Não tendo o Tesouro tido conveniencia em liquidar esse credito no seu vencimento, os nossos banqueiros londrinos prorrogaram sucessivamente, até hoje, o praso da liquidação.

O ministro das Finanças resolveu amortisar parcialmente o debito proveniente dessa operação, com a soma de libras 50:000.

Tanto neste caso, como no outro identico, que teve por fim pagar ha dias, ao Banco de Portugal, antigos debitos na soma de libras 320:000, o Governo procedeu por sua expontanea iniciativa».

* * *

AGORA a Finlandia lança uma linha de navegação para o Brasil e Argentina, que será assegurada com cinco vapores e cuja inauguração terá lugar em abril proximo.

O governo finlandês, subsidiando a Companhia que vae explorar a carreira, declarou que, para desenvolver o seu comercio com a America do Sul, era necessaria uma linha de navegação nacional, pois d'outra forma não haveria um entrecambio apreciavel.

E Portugal, antigo gigante do mar, com marinheiros dos melhores do mundo e com os elementos necessarios ao bom exito d'uma tentativa dessa natureza, contenta-se com olhar para o passado, como um fidalgo arruinado a quem falta a energia para triunfar na vida.

* * *

ACABA de sair á publicidade um trabalho, que reputamos notavel, do ilustre professor criminalogista, antigo ministro, sr. dr. Rodolfo Xavier da Silva, intitulado «Crime e prisões». Não é um livro vulgar desta especie de literatura scientifica; não se limita a numeros ou a estatisticas frias. A estatistica, só por si, não vale nada. E' preciso ser traduzida, referida, identificada. O livro do sr. dr. Xavier da Silva merece uma apreciação larga, que faremos numa das nossas terceiras paginas, um destes dias.

Até lá—as nossas felicitações.

* * *

REGRESSOU de Paris, com sua esposa, a distinta poetisa D. Fernanda de Castro, o nosso brilhante camarada Antonio Ferro, que se demorou algumas semanas em Constantinopla a colher impressões e motivos para novas cronicas.

* * *

O LIVRO de André Brun—*Dez contos em Papel* chegou ao 8.º milhar. Este exito demonstra que o autor, o editor e o publico se compreenderam, sem que por isso tivessem necessidade de largo reclamo.

O humorismo de André Brun, ao contrario de certas moedas, não se gasta com o uso.

* * *

O GRUPO parlamentar do Partido Nacionalista, que hoje á tarde reuniu numa das salas do Congresso, resolveu indicar o nome do sr. dr. Vasconcelos e Sá para desempenhar as funções de vogal do Conselho Colonial.

Um livro

«O Segredo da Morte»

Acaba de aparecer o livro de madame Lacombe «O Segredo da Morte». Apesar de já o conhecer, nos seus mais interessantes detalhes, li o com o maior prazer.

E' um livro sincero. Madame Lacombe, que por vezes se deixa assaltar por duvidas angustiosas, é uma crente.

Madame Lacombe diz-nos a toda a hora que duvida, e nós verificamos nos seus olhos de vidente, a sinceridade de uma crença inabalavel.

O seu espirito cultissimo e lucido, de artista, é de uma sensibilidade delicada.

Madame Lacombe é incapaz de mentir, e o receio de relatar um facto que não esteja verdadeiramente autenticado, leva-a ao exagero por vezes, no «contrôle» mais rigoroso. E assim, todos os fenomenos relatados no seu livro, são a expressão da verdade—daquela verdade que madame Lacombe viu e que nós, com os nervos arrepiados, constatámos tanta vez.

Eu não quero falar do livro de madame Lacombe, nem do seu misterioso tema. Nunca o meu espirito rebelde quiz deixar prender-se nessa curiosidade quasi doentia do «Além». E não quiz, porque a vida para mim, tem apenas o presente. O futuro é sempre uma surpresa que eu aguardo serenamente.

A morte não me traz outro interesse, alem do artistico—tem muitas vezes beleza na sua attitude estatica!

Creio em Deus, por que o vejo em toda a parte. Está em mim, nas flôres, nos objectos que me cercam.

Todos sômos pequenas particulas do mesmo Deus.

Particulas iluminadas, sômos nós; os cerebraes—os que reagimos, os que pensamos, os que entendemos, os que criamos—temos mais Deus.

Madame Lacombe, de uma clarividencia invulgar, raras vezes se engana, quando nos fala do futuro. Dotada de uma inteligencia bastante lucida, dá um perdão extenso a todos os desvios da humadidade. Ha uma mocidade tão viva no seu espirito, que nos esquecemos inteiramente dos seus cabelos brancos. E' talvez por isso, que tanta gente procura o seu convivio.

Quando lhe falo, as sombras da minha tristeza ficam iluminadas, e, regresso ao meu bom humor.

Ninguem conhece o «medium» de madame Lacombe, essa encantadora mulher, a quem Deus marcou estranhamente, é o espirito mais culto e a inteligencia mais rara, que eu tenho conhecido. Tem a civilisação de todos os seculos, a iluminar-lhe a consciencia. Os seus olhos dum flaido intenso, são de uma beleza criminosa. Acendem-se em deslumbramentos de luz, escondendo-nos as sombras misteriosas que batalham dentro das suas pupilas negras. A sua boca fendida num ritus de ironia, abre-se simultaneamente numa perversidade felina, ou num riso jovenil, deixando-nos admirar a mocidade dos seus dentes duma brancura impecavel.

Nesta mulher estranha, que ora ri diabolicamente, ora nos encanta, numa expressão doce de belesa, existe uma bondade refletida, util, comandada sempre, friamente, pela sua inteligencia invulgar.

Nunca fala do fenomeno estranho de que é portadora. E é sempre com rolutancia, que se presta ás experiencias de madame Lacombe.

O seu espirito forte irrita-se com o misterio inexplicavel do seu puder mediunico.

Insatisfeita a sua curiosidade inteligente, aborreceu-se do prodigio que irradia do seu corpo, e. ninguem, ou raros têm conseguido assistir as sessões de madame Lacombe.

A sua grande amizade por madame Lacombe consentiu apenanas nas rarissimas experiencias que lhe serviram de estudo.

O livro de madame Lacombe tem o interesse de ser verdadeiro, e o valor de um estudo e analise conscienciosamente feitos.

O meu apreço pelo talento da autora de «O segredo da Morte», arrastou-me para esta manifestação publica, de simpatia e admiração.

Judite Teixeira

Leia a revista **BROTERIA**. Pedidos a J. S. Tavares, Caminha.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos=A's 21,15=«Os homens de hoje».
S. Luiz=A's 9,30=Recital da cantora russa Nina Kochitz e do pianista Luboschitz.
Ginasio=As' 9,15=«A Tia Andreza».
Apolo=A's 21,15=«A Taberna».
Politeama=A's 21,15=«A Tentação».
Avenida=A's 21,15=«O Pão de Ló».
Eden-Teatro=A's 20,30 e 22,45=«Fungágá».
Maria Vitoria=A's 20,30 e 22,30=«Foot-ball».
Salão Foz=A's 15 e 21=«Pirolito».
Coliseu dos Recreios=A's 21=Companhia de circo.
Salão Alhambra=A's 21=Variedades.

TAUROMAQUIA

A transfusão do sangue BARBARO

Pelo mais prestigioso dos aficionados portugueses é-nos recomendado o interesse de dar a conhecer, em português, a cronica que em «El Liberal», de Madrid, publicou o nosso presado camarada Cesar Jalon «Clarito» ácerca da «transfusão do sangue bravo» de Andaluzia para outras regiões da Peninsula.

«Adquire o touro a maxima quotisação e interesse superlativo, no instante em que já é oficial a sua mudança de residencia, quando saltou por cima do simbolico «Despeñaperros» instalando-se definitivamente em Castella, nos prados de Salamanca e na serra do Colmenar (e nas lezirias ribatejanas, acrescentamos nós). E é o fenomeno de esta transfusão de sangue bravo o que desperta actualmente mais apaixonados comentarios.

Os mais agudos são arrancados á dolorosa realidade do creadores andaluzes e da sua imprensa. Não se resignam a confessar que pecaram de incomensuravel imprudencia vendendo as suas galinhas de ovos d'ouro, sem pensar que estas não se privariam de pôr ovos no novo galinheiro.

Os elementos integrados na festa descarregaram, naturalmente, as suas consciencias na cabeça de turco da critica.

Sômos tambem os criticos os culpados de que Martinez, fugindo do topico que tantas amarguras e tanto dinheiro custou aos castelhanos — o do abolengo da Casa Miura (talqualmente custou ao sr. Palha Blanco este abolengo Miura e o de Veragua) fôsse fornecer-se de Ibarra e descubrisse aos olhos dos seus conterraneos e visinhos o filão da verdadeira mina, o verdadeiro sangue bravo.

E sômos, pelo visto, tambem responsaveis de que, descoberto o filão, melhor que a sustar o mal, os ganaderos de rezes de procedencia Ibarra em Andaluzia se apressássem a espalhar em guerrilhas toda a ciganagem taurina para não perder oportunidade de transacção que, á custa do seu gado mais selecto, lhes levasse ás arcas uma consideravel parte do dinheiro que a guerra e a postguerra proporcionou aos lavradores e creadores castelhanos.

As mãos rotas de Santacoloma delapidaram em poucos anos mais da melhor metade da sua ganaderia. Assusta o numero de ganaderias castelhanas formadas com femeas rejeitadas, mais que com vista ao livro de notas, com interesse ao livro de caixa.

E se pensarmos em Saltillo, mais que liquidação foi leilão o que foz das suas rezes. Já no que de Santacoloma fica e se vende entra um tanto por cento do sangue Saltillo. Mas tambem o ha puro, adquirido directamente da bezerra, para não citar outro, nas ganaderias de Argimiro Pérez, de Angoso e na hoje de Garcia Resina, antes Bañuelos (a ganaderia de Emilio Infante da Camara tambem adquiriu o sangue Saltillo por conduto de semental).

Finalmente Parladé, depois de importantes depreendimentos, acaba de enviar para Salamanca tudo que lhe restava e já antes tinha contribuido a cimentar o crédito de Antonio Pérez que explorava com exito o de Gama (o nosso patricio sr. Luís da Gama! E aproveitamos o parentesis para lembrar que de Ibarra foi o semental da ganaderia da Casa de Bragança e de sangue Ibarra, adquirido aos Marquezas de Tamaron e depois ao Conde de La Corte, provém a actual ganaderia do sr. José Martinho Alves do Rio. E ainda que o sr. José Pinto Barreiros, depois de comprar o que restava dos mansos da Viuva de Antonio Guerra, aproveitou a venda da ganaderia de Gamero Civico a Eduardo Pagés e por este a Clairac, de Salamanca, para melhorar, ao que se diz, a compra de semental e vacas, anteriormente feita ao ganadero multado).

Tambem o sangue Morube, ainda que ficando em Andaluzia, vive já sob mãos hoje castelhanas (as da sr.ª D. Carmen de Federico Urquijo).

E o caso é que na ultima temporada, organização e resultado, consagraram a hegemonia de Castella no aspecto mais interessante da festa: o da creação do touro bravo.

Rara foi a corrida de «abono» em que se não lidou a divisa castelhana. E das corridas de categoria, ha tantos anos exclusivo de ferros andaluzes, nem uma unica correspondeu este ano aos do lado de «Despeñaperros».

A de Benificencia foi de Argimiro Pérez. A do Monte-Pio de Martinez. A da Cruz Vermelha de Veragua (e de Tovar um dos mortos por Cañero). A da Imprensa de Martinez e de Hernandez. Até a senacional corrida que no fim da temporada organizou Belmonte, toureiro andaluz e, para maior escarneo recente ganadero, foi tambem de Salamanca. O «drianéro» que planeou a sua corrida com toureiros andaluzes, teve que ceder no seu orgulho regional, vindo pedir touros a Coquilla...

Coincidindo com o auge de Castella, Miura oferece aos olhos da «aficion» o triste espectaculo de um idolo partido. «Mares de tinta — dizia-nos um ganadero velho — não bastarão para borrar o prestigio de Miura»

Pois bastou com que não corram outros mares — os de sangue — para pôr em relevo a diferença que separa o touro de casta brava e de instinto feroz e selvagem, do manso poderoso, defendendo-se ou atacando nos descuidos ou quando se percata das suas vantagens.

Concha y Sierra preocupa-se, mais que dos seus créditos, com os do toureiro que adquire a bom preço o seu gado sem idade, sem apresentação e sem as condições em que venderia as suas rezes um ganadero de escrupulo, orgulhoso do seu ferro e da sua historia (a alusão a Belmonte, que estribou nesta ganaderia os seus exitos desta temporada, é nitida e desconcertante!)

Não se apresenta melhor, nem com mais esmero, o Conde de Santacoloma. E se, com excepção de Pablo Romero, não ha em mãos andaluzas divisa de primeira ordem bem mantida, havemos de improvisá-la os criticos?

E ainda que a improvisassemos num geto de comiserativa galanteria, fariam caso de nós os emprezarios?

E' certo o ditado castelhano: «Quem tem uma onça, troca-a». Mas tambem é certo que quem a troca fica sem ela.

E assim se explica que este maravilhoso caso de transfusão de sangue bravo, objecto estes dias de acalorados comentarios, não encerre em si nenhum segredo.

Porque estão em Castella os touros bravos? Pela mesma razão que em Madrid ha excelentes sobretudos ingleses: porque os fôram comprar a Inglaterra».

Fóra de parentesis vamos nós tentar explicar os antecedentes da transfusão tratada por «Clarito» e tirar do facto ultimado as conclusão que interessam a festa.

A festa de touros e, consequentemente o seu protagonista, atingiram com Joselito e Belmonte o auge. Possuir uma boa ganaderia, ou seja possuir um dos bons sangues andaluzes, passou a ser um luxo que a guerra tornou possivel para as formigas castelhanas e que as cigarras andaluzas tornaram possivel.

Até aqui nada adiantamos, a não ser justificar os antecedentes com vicios raicos que, para os «andaluzitas», ainda são qualidades. E é ainda o nosso «andaluzismo que nos faz animar a esperança da reconstituição das castas com o pouco que delas ficou na Andaluzia, auxiliado pelas intuições dos seus naturais e previlegiadas condições do solo e clima. Se assim não fôr, o touro, produto indigena e expontaneo da bacias salitrosas do Tejo e do Guadalquivir, entrará, em prados castelhano, numa degenerescencia lenta, cuja conclusão é bem clara, ou antes, bem negra, para a festa de touros, a não ser que o sangue Ibarra em poder dos srs. Alves do Rio e Pinto Barreiros seja tão bem cuidado que, aproveitando os privilegiados pastos e mouchões ribatejanos, possam ser o Ribatejo e a Andaluzia os baluartes do sangue bravo.

Esta hipotese, que desejamos enternecidamente acarinhar, é de todos os pontos legitima por serem as duas regiões peninsulares ás quais o touro bravo pertence de direito, e inunda-nos pessoalmente do maximo orgulho de aficionados porque, se da Andaluzia sômos oriundos, perto do Ribatejo nascemos e vivemos, Graças a Deus.

EL TERRIBLE PEREZ

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Eliza de Mendonça Furtado de Menezes e Pinto (Barbacena), D. Maria Clara Gomes Coelho Furtado de Menezes (Tavarede), D. Ana de Albuquerque e Vasconcelos, D. Laura Isabel Gavazo Perry Vidal Lewes, D. Adozinda Pimenta, D. Maria de Lourdes Cristina Bacelar de Sousa Azevedo (Algés), D. Maria Cristina Veloso Holbeche, D. Floripes Teresa Soutto, D. Laura Maria Borges Vasconcelos Carvalho, D. Carolina de Castelo Branco e D. Maria Tereza Bracourt Pestana de Vasconcelos.

E os senhores:

Bento de Carvalho Daun e Lorena (Pombal), Carlos Mariano de Carvalho, Antonio Fernando da Cunha Abreu Peixoto, Joaquim Francisco Paulo Correia e Antonio Saturnino.

Casamentos

Na capela do palacio dos srs. condes da Foz, em Algés, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Luisa Rosa da Costa, gentil filha da sr.ª D. Adelia Rosa da Costa e do sr. João Masoni da Costa, com o meretissimo juiz de direito sr. dr. Artur da Piedade Rebelo, filho da sr.ª D. Leopoldina da Piedade Rebelo e do sr. Caetano da Piedade Rebelo, já falecido, tendo servido de madrinhas as mães dos noivos, fazendo-se representar a mãe do noivo, que se encontra ausente na India, pela sua nora, a sr.ª D. Ema Rebelo, e de padrinhos o pai da noiva e o tio do noivo, capitão de fragata sr. Bruto da Costa.

Celebrou o acto religioso monsenhor Gustavo Couto, que foi acolitado pelo prior de Carnaxide, tendo feito no fim da missa—durante a qual uma orquestra, de que faziam parte os irmãos da noiva e alguns amigos intimos, sob a regencia do sr. Eugenio Lusitano Alvares da Silva, que se fizeram ouvir em varios trechos de musica sacra—uma brilhante alocução.

Terminada a cerimonia religiosa, foi servido, na residencia dos pais da noiva ao Alto do Dafundo, um fino «lunch», seguindo depois os noivos para Paris e Londres, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille» via-se grande numero de artisticas prendas.

— Pelo sr. dr. Nascimento e Sousa foi pedida em casamento, para seu irmão José, distinto quintanista da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, a sr.ª D. Maria Judite Epifanio da Franca, gentil filha da sr.ª D. Judite Nunes da Franca e do sr. Antonio Epifanio da Franca.

O casamento realizar-se há brevemente.

Pontos de reunião

No Trindade

Pelo interesse que está despertando a assinatura para as quatro recitas, com peças novas, que a magnifica companhia de revistas e «feeries» Velasco, que se estreia no Trindade na noite de 20 do corrente, tudo nos leva a crer que vão voltar a este teatro as noites de elegancia.

Doentes

Na sua casa do Fundão, encontra-se gravemente enferma a sr.ª D. Ana de Macedo Pereira Forjaz de Gusmão Navarro, esposa do sr. Conselheiro Navarro de Andrade.

—Estão felizmente muito melhor dos seus padecimentos os srs. condes de Safira.

A cinta de cautchouc

SER esbelta é preferivel a ser formosa, e assim, o ideal da mulher deve consistir especialmente em tornar as curvas delicadas do busto, harmonicas, ligeiras e perfeitas no conjunto.

Sofrear os tecidos adiposos é a primeira condição para mantel-os na justa proporção que exige um corpo escultural e belo.

A esse fim tendem as CINTAS DE CAUTCHOUC, que, exercendo uma pressão moderada no organismo, se adaptam á particular estrutura de cada um, corrigindo defeitos ou evitando deformações.

Mas o modelo da cinta conceitre sobremaneira para o seu exito completo.

Tal foi o intento de A POMPADOUR criando o modelo MADAME POMPADOUR, que se impoz pela correcção dos defeitos noutros experimentados, e que está tendo enorme sucesso.

A Pompadour
28 — CHIADO — 30
TELEFONE C. 210

CINEMA CONDES

O grandioso «film» d'arte

As duas tormentas

enscenação de
Griffith
interpretação de
Lilian Gish
e Richard Barthelmess
o mais surpreendente dos sucessos romanticos

Um grande problema moral
Um grande problema religioso
Um alto problema mental

Outros grandes exitos de écran

OPINIÕES LIVRES

PAGINA

de Quinta Feira

por Norberto de Araujo

O nosso patrimonio colonial

* * *

Lingua portugueza

* * *

A morte do aviador Castro e Silva

Diz-se—diz-se...—que se um dia perdessemos as colonias, perdiamos a razão de ser da nossa independencia, e abalava-se o sentido da nacionalidade.

A condicional é afrontosa, por impossivel, ainda que temores naturaes e aspectos politicos nos façam ver as colonias nas mãos barbaras dos civilisadores modernos.

O discurso de ante-ontem, no Senado, do senador sr. Azevedo Coutinho, que é um nome portuguez á margem dos politicos, altaneiro e simples como uma montanha —causou-me funda impressão. O desfilar de 30:000 pretos deante do Duque de Counaught, ha uns vinte anos, em Lourenço Marques — e eu vi-os desfilar na palavra emotiva do antigo marinheiro —espantando o parente proximo dos Reis de Inglaterra, é por si só, ingenuamente se quizerem. um desmentido vivo ás acusações de traficancia vil, se outros documentos mais fortes e leaes não existissem a atestar a humanidade dos portuguezes e o seu primeiro e precursor sentido de colonisação digna.

Mas se esgrimindo com o absurdo politico nós admitissimos a perda das colonias, só por as termos administrado financeiramente mal, nem mesmo assim é legitimo o conceito de que com os dominios perdiamos a razão de ser da nossa independencia e o fundamento da nacionalidade.

Restava-nos a lingua. Isto é: ficavamos com tudo.

Um povo que um dia teve a sua linguagem e a falou na independencia, nunca mais, nunca mais a perde.

A lingua é uma frouteira, que limita territorios—a cantar.

* * *

Por isto, a Historia literaria de um povo, iguala em importancia social definitiva, senão excede, a sua Historia politica e militar.

Podemos nós dar á linguagem as voltas que o sentido criador e renovador de povo livre, a escrever, depois de povo livre a pensar, quizermos e podermos. Arcaica e classica, transitoria e definitiva, sobria ou desarticulada, moderna, modernissima, a palavra portuguesa é inalteravel como um diamante bom e velho — áparte o engaste artista e o seu pensamento irradiador.

Dentro do principio severo da construção gramatical, que ainda assim dá margem para toda a sorte de fantasias legitimas, que é snobismo atacar só pela posição das virgulas, dentro da liberdade ortografica, a aproximar-se já de uma unidade que tem de ser, com o tempo, firme e austera — que opulencia a da lingua portuguesa!

Dizem que a suavidade é a sua melhor força. Eu direi que é mesmo o seu melhor encanto. E' mais português a falar e a escrever o que mais lirico e emotivo fôr. As construções lapidadas, perfeitas, academicas, aproximam-se das linguas barbaras europeias, por ganharem em simetria inexpressiva o que perdem em expressão e tradição.

Quando vejo atacar o modernismo «desengonçado», que eu não uso, só porque não sei, porque não sinto — ou porque não quero—digo que se comete um erro. Reduzir a nossa lingua á condição de verbo sonambulo, fantasma hirto, especie de literatura de canones e de epitafios—é erro, depois de ser absurdo.

Deixem-na, senhores mestres, viver á solta dentro dos limites serios, mas não impenetraveis, da sua beleza movel.

Apraz-me trasladar para aqui um pedaço de um discurso de um brasileiro, o orador Rafael Pinheiro, pronunciado no Rio, deante do Presidente da Republica portuguesa, em 24 de setembro de 1922:

«Da vossa lingua, que fizemos?

Arvore colossal, serena e imovel, de virides françaas, magestaticas e densas, ao transplantá-la, quizemo-la gárrula, de festiva cõma, qual delirante noiva deste sol bemdito... E, trefegos lançamos sobre a austera fronde, a furia canora, o despejo escolar do passaredo álacre e jovial dos tropicos em festa... Para que mais galharda, completa, actual e perene se fizesse, nela enxertámos o ramo viride e novo das nossas variações dialectaes... Regámo la com a irisada espuma das aguas férvidas do frenético e fulmineo espoucar das póróca, trovejantes e undosas... Aspergimo-la com a garôa do fervilhar, soturno e turbido, de corredeiras léstas e cachoeiras rapidas, precipites, ululantes, e, logo após, placidas fluindo, e, de bubuia, deslizando, — asa liquida de falena inquieta,— pela primavera esmeraldina e perpétua das margens flôridas... E, em torno, do nodôso tronco secular, resoante de prelios e arrancadas, desfilámos a farandula aborigene, babariso trepidante, de clangor de inúbias—selvagens olifantes, de rufos de boré — atabales incolas, do chocalhar de maracás— pandeiretas gentiliças, para encorporar á pelejante algaravia dos Soldados Nautas do Mundo, nova giria castrense...»

Quem dirá que não tem beleza este trecho opulento e quasi barbaro, á fôrça de virgem, como os dicionarios da flora e da fauna exuberante dos interiores?

Quem negará orquestração e musica, harmonia, visto que não melodia, á composição dramatica e fertil do periodo?

Se a fórma, como a das esculturas, se a fórma da lingua é fria, o que ha a imprimir-lhe é o sentimento dôce e amoravel que aquele periodo não contém. E' a indole. E' o caracter. E' a individualidade. Isto é: a limpidez, que não é incompativel com a magnificencia, o lirismo que não é adversario da austeridade.

A lingua reflecte-se do pensamento, como o sol de um espelho. E só quem pensa pouco, ou, pensando de mais, no mesmo paralelo, seja incapaz de compreender que o pensamento é agil e gostoso de percorrer as sete partidas do mundo, póde querer a lingua monocordica e arcaica, que não é atavica, e póde condenar os ensaios de vôo, guiados pela exaltação aventurosa dos tratadores da linguagem moderna.

Enquanto a lingua portuguesa permitir, ora contorcionismos excentricos—que tenham pensamento lá dentro—, ora erectos levantamentos de fuste classico— que não sejam apenas os marcos mudos e passados da idade da expressão—a Nacionalidade não morre.

Não temam a sorte das colonias, porque elas não perigam, e muito menos a sorte da raça, que a lingua está de atalaia, viva, vermelha, limpida, fresca, amorosa, eterna, quer os eunucos gaguejem, quer não.

* * *

Este rapaz aviador, Castro e Silva, que ante-ontem com o seu companheiro Artur de Brito, se despenhou do alto e se desfez em baixo—vi-o eu, a meu lado, conduzir o seu aparelho, numa meia tarde de nuvens e de vento fresquinho, ha pouco mais de um mês.

Foi pelo mesmo sitio onde eles cairam que nós vosmos. Por ventura, eu teria olhado lá do cimo aquele lugar, leira de terra ou seara morta, onde o seu sorriso velado, mas sempre presente, se apagou ante-ontem.

Despedi-me dele, e nunca mais o vi. Ontem, a sua bela cabeça generosa, estava envolta em linhos raiados de vermelho, e os seus olhos deviam estar cegos, que não fechados.

E esta dôr leva-me a preguntar porque é que se mantem a aviação em Portugal, se não é possivel trazer para os nossos campos aparelhos novos e material suficiente e bom.

Leva-me a preguntar com que direito as pessoas politicamente colocados nos destinos das pastas militares, se esquecem de que a nossa estatistica martiriologica da aviação excede proporcionalmente os quadros lugubres da quinta arma, lá de fóra, não porque os olhos sejam menos claros, o pulso menos rijo, a alma menos generosa, mas porque os materiais excederam os prazos normais de estilização, e, assim, voar já não é cumprir um dever militar ou exercer uma função profissional, mas pôr a vida em risco, no duelo entre a coragem e o acaso.

Se a aviação é necessaria, ainda que reduzida ás circunstancias pelintras que fazem do Exercito apenas uma expressão orçamental cavalaria sem cavalos, artilharia sem peças, parques de aviação sem azas nem motores—e não estou a revelar segredos aos estrangeiros que têm aqui os seus adidos militares—se a aviação tem de manter-se, embora se arrisquem todos os aviadores, que se dote a aviação com material novo, depressa, que amanhã já não haverá homens, e aqueles que fazem os projectos de orçamento naturalmente não sabem voar.

Dizem os aviadores que o sr. Antonio Maria da Silva tem sido o politico mais dedicado, senão o unico dedicado, á aviação. Ele ontem esteve meia hora, comovidamente, em presença das duas urnas. Evite o sr. presidente do conselho perder o seu precioso tempo politico, para ter de vez em quando de subir as escadas da Trindade, a velar outras urnas, que se estejam já compondo, com seu Cristo espalmado nas tampas, nas oficinas da fatalidade provavel, quasi voluntaria, por parte de quem vendo os aviadores sorrir no café e blaguear nos teatros, não lhes compreende os sorrisos...

A percentagem dos mortos aviadores em Portugal excede, quasi no triplo, as mortes dos aviadores que falam outra lingua, têm outro ceu para voar, mas não têm uma alma e uma inteligencia melhores para serem soldados.

Quando me despedi ha semanas de Castro e Silva, ele disse-me: «até qualquer dia». Qualquer dia—foi ontem. Nós podemos; mas os aviadores não podem ter a coragem de ter mêdo.

Tenham os politicos essa coragem por eles, e quando voarem nos «Junkers» novos lembrem-se que os rapazes vôam... nos «Avros» velhos.—*Norberto de Araujo*

CINTAS MEDICINAES

MODELOS PRATICOS PARA TODOS OS PADECIMENTOS ABDOMINAES, INDICADOS PELOS MAIS HABEIS OPERADORES DE LISBOA, PORTO E COIMBRA

. : PELOTAS COM PRESSÃO DE AR : .
: . . : : TODOS OS MODELOS : : : : :

Execução rapida e perfeita
:: Pessoal habilitadissimo ::

GRANDE QUANTIDADE EM DEPOSITO

Prefiram os modêlos da marca POMPADOUR, porque são os melhores, mais resistentes e mais hygienicos

A POMPADOUR, 28, R. GARRETT, (Chiado), 30

Dentes brancos, Boca limpa, Halito puro?
sim, usando a
PASTA ORIENTAL
A' venda em todo o País
Lopes, Sobrinho, L.da—Porto
AGENCIA EM LISBOA
Rua do Crucifixo, 31, 3.°—Telefone C. 2629

A Cidade

TEATRO MARIA VITORIA Tel. N 3644
DUAS SESSÕES ás 8 1/2 e 10 1/2
FOOT-BALL

Chá das cinco

O prato do dia

Chegaram as andorinhas. E' um acontecimento que se repete todos os anos e que todos os anos tem um comentario alegre nas colunas dos jornais. O primeiro mortal que avista no horizonte lavado as azas negras das andorinhas, apressa-se a comunicar a boa nova ao jornal da sua simpatia. E o jornal insere a informação na primeira pagina, com todas as honras inherentes á nobre estirpe das andorinhas, como se desse a noticia da chegada de um ministro de Estado ou de um representante diplomatico de qualquer país do Sul.

E, em boa verdade, as andorinhas trazem até nós as credenciais côr de rosa do bom tempo e as suas azas palpitantes descrevem no azul amigaveis tratados de intercambio, que assentam na isenção absoluta de direitos alfandegarios. As andorinhas viajam com valises *diplomaticas e a sua bagagem não é profanada pelas luvas brancas da Guarda Fiscal...*

Mas as andorinhas que ontem chegaram a Lisboa foram assinaladas pelo empregado de uma fabrica de conservas. Andorinhas em Janeiro? E eu pergunto: não serão andorinhas de conserva? Em vez de as ver nos beirais dos telhados, o solicito informador não as teria visto em latas rectangulares —prontas para a exportação?

Sendo assim, não faltará muito para que os restaurantes da moda inscrevam nos seus menus *conserva de andorinha com môlho de primavera...*

Norberto Lopes.

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	—	95$00
Madrid	—	2$77,5
Paris	—	$74
Suiça	—	3$79
Bruxelas	—	$89
Nova-York	—	19$60
Amsterdam	—	7$89
Italia	—	$79,5
Brasil	—	2$95
Praga	—	$58,5
Suecia	—	5$25
Austria	—	2$77
Berlim	—	4$67
Libra esterlina	100$00	106$00

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações Externas, 1. serie	504$00
» 1|2 0|0 1923	498$00
Acções do Banco de Portugal	770$00
» do Banco Lisboa & Açôres	580$00
» da Companhia de Seguros Sagres	—
» da Companhia Tabacos de Portugal	907$00
» da Companhia Port. de Fosforos	102$50
» das C.as Reun. Gaz e Electricidade	83$50
» da Companhia do Amboim	—
» da Companhia Colonial do Buzi	—

«PORTUGAL-ESPERANTO»

Mensario de 16 paginas redigido em português e em esperanto—Colaboração variada e marcante — Anuncios para o estrangeiro — Distribuido gratuitamente aos socios da Associação Portuguesa de Esperanto. Cada numero: Escudos 2$00—Cotização semestral da A. P. E.: Escudos 15$00.

CONSPIRAÇÃO?

Todas as quartas feiras se reunem numa das salas do primeiro andar do "Tavares„ determinadas individualidades

em almoços

que revestem um certo ar de misterio...

Ontem, á 1 hora da tarde, appareceram no primeiro andar do «Tavares» e juntaram-se a almoçar, num dos gabinetes algumas personalidades em evidencia nos diversos meios lisboetas: financeiros, catedraticos, medicos, advogados, diplomatas...

Alguns nomes: dr. Azevedo Neves, Mendes de Almeida, dr. João Ulrich, Guilherme Pinto Basto, dr. Martinho Nobre de Melo, dr. Eduardo Burnay, dr. Mario Pinheiro Chagas, dr. Beirão da Veiga, Hugo O'neill...

* * *

Até aqui, o caso não tem nada de extraordinario.

Que admira que pessoas de elevada categoria, vivendo em constantes relações, se lembrem de combinar um almoço num «restaurant» «chic»?...

Mas o que torna misteriosa esta reunião e despertou a curiosidade do jornalista, foi o saber que já nas outras semanas anteriores — e precisamente ás quartas-feiras — as mesmas pessoas ali se têm reunido, não se limitando a almoçar, visto que alguns discursos — certamente bem interessantes, devido á qualidade dos oradores — têm sido pronunciados.

Procurámos, pois, indagar do que se tratava. E, como Lisboa é uma terra de boateiros, a resposta que obtivemos, de principio, foi unanime:

—Hum! Aquilo, por mais que me digam, é conspiração...

—Mas elementos tão diferentes, e até alguns estrangeiros—como consules, etc...

—Ora, ora, ora! Já se tem visto — e ainda ultimamente — coisas bem mais extraordinarias. Não tenha duvida. Vai ver que aquilo não é outra coisa, senão uma conspiraçãosinha...

Não acreditámos, e resolvemos pôr o caso a claro.

Custou-nos a tarefa algum trabalho. Mas, por fim, sempre conseguimos apurar alguma coisa:

Organisou-se ha tempos, em varios países, uma agremiação com o nome de «Rotary International».

—Quais são os seus fins?

Escolher em cada país um grupo de individuos representativos das classes mais elevadas que reunem semanalmente em almoços e que se põem em comunicação, entre si e com os «Rotarios» estrangeiros, auxiliando-se e ligando-se estreitamente.

Mas não julguem que se trata dum club de objectivos interesseiros. Nada disso.

Senão veja-se quais são os seus fins, segundo a letra dos seus estatutos — que bastante trabalho tivemos em ver, numa leitura rapida:

«Procurar e divulgar:

—O ideal de ser util, como base de todo e qualquer empreendimento digno.

—Elevados principios e conceitos moraes, fazendo-os aplicar nos negocios e no exercicio de quaisquer profissões.

—A pratica do ideal de ser util por todos os Rotarios, de modo que ele se verifique na sua vida particular e comercial e na vida da sua localidade.

—Relações de amisade para se oferecer mais facil e provavel a oportunidade de ser util.

—O reconhecimento, por parte de cada Rotario, do merito que tem toda a ocupação util e da necessidade de cada um elevar a sua propria ocupação pela oportunidade que lhe oferecer de ser util á sociedade em que vive.

—Uma melhor compreensão das coisas, boa vontade e paz internacionais, por meio de uma estreita solidariedade moral entre os homens profissionais e de negocios de todo o mundo, unidos por este ideal Rotario de ser util».

* * *

Razão tinhamos nós para não acreditarmos que estas reuniões á volta de saborosos manjares tivessem fins conspiratorios.

Um dos capitulos dos Estatutos do «Rotary» ocupa-se especialmente da «Proíbição de Politica». Resa assim:

—Este Club em caso nenhum recomendará ou apoiará a nomeação ou eleição de qualquer dos seus socios para quaisquer logares publicos nem se discutirão nas suas reuniões as condições favoraveis ou desfavoraveis de quaisquer dos socios para esses logares. Qualquer assunto de interesse publico que diga respeito á politica economica e social do País, poderá ser estudado e discutido imparcial e inteligentemente em reunião do Club, para conhecimento dos socios, mas o Club não terá qualquer intervenção, para aplaudir ou condenar, quaisquer medidas do governo que sejam submetidas ao voto da Nação.

* * *

Eis como, desprezando os boatos e os boateiros, o jornalista conseguiu esclarecer o misterio dos almoços semanais do primeiro andar do «Tavares».

Livraram-se de boa os nossos «Rotarios». Se a noticia chega á policia como chegou aos nossos ouvidos, que de tragicas complicações não surgiriam! Andaram em sorte...

Rebuçados Peitorais Dr. Centazzi
Os melhores para a tosse, catarros e bronquites
Livres de essencias artificiais
Cuidado com as imitações
Pedir em toda a parte
Nas casas que mereçam confiança para evitar misturas de outros rebuçados que, com o papel, imitam o nosso

AS "PREMIÊRES„

NO Gimnasio

estreou-se ontem

a peça em trez actos

"Tia Andreza„

de Joaquin Dicenta e Antonio Paso

O teatro Gimnasio, onde eu gostaria que se representasse comedia burilada de sentimentos, com dialogos e almas animadas desta beleza que não exclue a verdade, desta verdade que não exila «maquillages» de graça, de ironia e de espontaneidade—deu-nos ontem uma peça espanhola, nervosamente improvisada á roda duns tantos tipos de ligeira opereta austriaca. Pazo e Dicenta, filhos dos autores do mesmo nome, ficaram áquem dos apelidos consagrados.

«Tia Andresa» é uma historia comica, rotunda de efeitos, com pouca situação e muito dialogo. Se a scenografia demasiadamente vistosa do segundo acto nos dá o local, as figuras frescas de raça, linfaticas de sangue, desencontradas de personalidade e de temperamento, estando como estão fóra do ambiente, movimentam pouco a intriga, muito á vista, muito adivinhada para dar um final interessante, imprevisto, inedito. Aqui e ali uma frase caprichosa, que provoca o riso pelo destrambelhamento. Estes reparos não querem dizer que a «Tia Andresa» seja uma comedia inutil para as plateias de hoje.

Pelo contrario recreia-as. Merece ser vista, como tantas outras que cumprem o seu dever fazendo sorrir o espectador, ainda que este seja forçado a sorrir por coisa pouca. A interpretação é aceitavel. Os papeis não têm importancia para uma critica exigente. Silvestre Alegrim, com o seu comico especial, peculiar, tipico, individualisou um risonho Agapito. Artista igual ao personagem. Gil Ferreira, que trabalha em planos largos, caricaturisou a serio a figura, desdobrando-a com ligeireza e excentricidade. Deve valorisar a discrição do jogo no primeiro acto. Antonia Mendes teve vivacidade. Ofelia Brochado, que representa quasi sempre a três quartos, foi uma ingenua delicada e sensivel. Tarquinio Vieira um pouco duro de expressão, mas cheio de vida e de impeto. Alda de Aguiar espanholisou se. Dina Pereira cumpriu com graça a criada e Regina Montenegro desenhou cutra com verdade. Rafael Alves—inteligente e sobrio. A «Tia Andreza», que é representada por toda a companhia do Gimnasio, á excepção da ilustre artista Palmira Bastos, que na «Vida e Doçura» nos deu um papel que era uma maravilha de beleza, tem tambem por parte das figuras secundarias um desempenho aceitavel. A tradução livre de Alberto Morais e Palma Vargas agradou-nos.

A. P.

O fado no Teatro Salão Foz

Reapareceu ontem, no Teatro Salão Foz, a popular actriz Zulmira Miranda, que foi entusiasticamente aplaudida nos seus numeros, espécialmente no fado que ela canta como nenhuma outra artista e que o publico obriga sempre a repetir.

Maria de Lourdes Cabral, Dora Vieira, Milly Portela, Amelia Figueirôa e Maria Pestana obtêm todas as tardes e todas as noites novos exitos, como o espirituoso «Pirolito»—Augusto Costa (Costinha), Holbeche Bastos, Reginaldo Duarte e Mario Viana e os admiraveis bailarinos «Azurea and Partner» e os 2 «Yankis».

A pelicula Gevaert permite fazer boas fotografias durante o inverno.
Garcez L.da—Chiado-Lisboa

TEATRO SÃO LUIZ TELEF. C-224
Sabado, 16
ESTREIA da opereta em 3 actos, de grande espectaculo e movimento scenico
A Moça de Campanilas

A Cidade

TIVOLI TELEF. N. 5474
HOJE, ás 8-45
Alma da Artista
O SAUDOSO EXTINCTO
Uma panoramica—Uma revista de elegancias—Uma cine farça

UM PROJECTO

OS ministros e parlamentares devem fazer parte das emprezas que teem relações com o Estado?

O deputado sr. Rafael Ribeiro apresentou na sua Camara um projecto de lei tornando o exercicio do cargo de senador e deputado incompativel com o exercicio de qualquer função ou cargo publico e bem assim com a efectividade ou qualquer comissão de serviço dos oficiais do Exercito ou da Marinha.

Este projecto tem por fim moralisar o exercicio das funções parlamentares, conseguindo ao mesmo tempo uma importante economia para o Tesouro.

Segundo as suas disposições, os funcionarios civis e militares que sejam proclamados senadores ou deputados ficam desde logo desligados dos seus serviços, perdendo o direito aos seus vencimentos e só percebendo o subsidio parlamentar, enquanto ele subsistir.

Ficam sujeitos ao mesmo regime os parlamentares que sejam comissarios, delegados, administradores ou fiscais nomeados pelo governo junto de emprezas particulares.

Aqueles que fôrem eleitos para representar as suas respectivas Camaras nos serviços de administração e fiscalisação de organismos do Estado não terão direito a receber quaisquer subsidio ou participação de lucros, como remuneração dessas funções.

Se o projecto do sr. Rafael Ribeiro fôr aprovado, os senadores e deputados não poderão ser advogados em causas que colidam com os interesses do Estado. Aos senadores, deputados e ministros será expressamente proíbido fazerem parte dos corpos gerentes de emprezas que tenham contractos com o Estado, ou que, pela indole das operações a que se dedicam, tenham relações com qualquer serviço publico.

Os funcionarios diplomaticos e consulares que estejam oficialmente colocados em situação fóra do país e os Altos Comissarios das provincias ultramarinas e governadores dos distritos coloniais não poderão ser eleitos senadores ou deputados.

Tal é, em resumo, o projecto que o sr. Rafael Ribeiro mandou para a mesa e que a mesa porá em discussão, logo que tenha o respectivo parecer.

O crime de Campolide

O agente Delgado, da 2.ª secção, procedeu hoje a umas investigações sobre o crime de que foi vitima o caixeiro de praça José Francisco Beato, que apareceu morto, á facada, em Campolide.

O caso continúa envolto no mesmo misterio, apesar dessas diligencias.

MEIAS DE SEDA
sem defeito 8$00
Camisas de Popeline
45$00
Camisaria Nacional
FABRICANTES
Rocio, 93, 1.º

AS NOTAS FALSAS

"Eu posso errar; mas se errar é só um erro de inteligencia. Não tenho nenhum interesse em desempenhar esta funcção„ afirmou-nos o juiz investigador Alves Ferreira

O sr. dr. Alves Ferreira, além das outras mais qualidades que todos lhe conhecem, possue mais duas que nós, os jornalistas, lhe descobrimos agora, no trato diario a que nos obriga a reportagem do Angola e Metropole: não tem papas na lingua e é de uma pontualidade rigorosamente britanica.

A's 14 horas em ponto está o magistrado de relogio em punho á espera da visita dos jornalistas. Estes, que já sabem com quem lidam, mal soam as duas badaladas na torre proxima da Sé, sobem ao 1.º andar da antiga sede do Credito Predial, cumprimentam, fazem cêrco ao magistrado, e, de lapis em punho, começa a faina do noticiario.

* * *

Hoje o sr. dr. Alves Ferreira, logo no começo da conversa preambular teve esta resposta para alguem que lhe lembrou a circunstancia de estar já a preparar-se á sua volta uma atmosfera de hostilidade cujos fins se desconhecem:

—Não ha desinteligencias nenhumas comigo, que eu saiba. De resto, se quizerem que me demitam. Se para aqui vim foi porque me pediram que viesse e não tenho empenho nenhum em desempenhar esta função.

E a pôr os pontos nos ii:

—Eu posso errar; mas se errar, é um erro de inteligencia!

* * *

E das investigações?

Informa o magistrado:

—Estão já em nosso poder as fotografias dos contractos firmados entre Marang e a casa Waterlow, para o fabrico das notas.

—Por eles se averigua...

—Por eles se averigua que, se fôsse noutro tempo, quando a justiça não precisava de ser tão meticulosa, aqueles documentos bastavam para liquidar a questão.

—Como?

—Dantes, lá fora, pegava-se naquela prova do crime, amarravam-se os criminosos a uma arvore e liquidava-se o caso, com uma data de cacete.

E veiu a explicação pormenorizada:

—Quando se fez o contracto, arranjaram-se as coisas de maneira que, ao alto da ultima pagina, só ficaram duas linhas de texto. As folhas anteriores não eram numeradas, nem rubricadas. De modo que aquelas duas linhas do final tanto podiam ser do contracto que ao depois apareceu, como de outro documento qualquer ..

Continúa:

—Deixaram se umas tantas linhas do papel em branco. Alves dos Reis pôs a sua assinatura ao fundo da lauda, obliquando-a, para dar a impressão de que não houvera intuito de falcatrua, e levou-se o contracto a reconhecer ao notario. O resto... estão os senhores a ver...

O resto foi isto:

—O notario reconheceu a assinatura de Alves dos Reis, escrevendo, como é da praxe, a frase «reconheço a assinatura supra». Antepozeram-se ao nome de Alves dos Reis mais quatro nomes, aproveitado habilmente o espaço propositadamente deixado em branco; e, com dois «ss» estava a burla concluida. Onde estava «reconheço a assinatura supra», ficou «reconheço as assinaturas supra». Como os leitores vêm, é o ovo de Colombo aplicado a uma falsificação de tomo.

O sr. dr. Alves Ferreira a dar a sua opinião:

—E' uma falsificação grosseira.

* * *

Passou-se á destrinça de boatos e de noticias de dificil justificação vindas a lume nos jornais da manhã.

Primeiro:

—Diz um jornal que está preso o sr. dr. Pinto de Magalhães ..

—Desmintam. E' falso. Não ha, mesmo, razão alguma para o prender.

Segundo:

—Corre que o governo chamou a atenção de v. ex.ª para a maneira como foram feitas certas prisões...

—Dou-lhes a minha palavra de honra de que ninguem, da parte do governo, teve ainda, para mim, uma palavra acerca da maneira como me desempenho da missão que me foi confiada. Repito: «eu posso errar; mas se errar, é um erro de inteligencia».

Terceiro:

—Afirma-se igualmente, algures, que pensa em mandar prender o sr. dr. Torres Garcia...

—Oh! senhores! Mas que gente... Desmintam tambem. Não penso nem nunca pensei em tal.

Quarto:

—Que mandou preparar dois quartos no quartel de Campolide. Pode saber-se quem são os hospedes que lhes destina?

—Não sei disso. Não me consta nada a tal respeito.

—Prisões?

—Não ordenei mais nenhuma, por emquanto.

* * *

O sr. dr. Francisco Menano mandou apreender em casa de uma senhora residente no largo do Caldas, e empregada no Angola e Metropole, duas maquinas de escrever, que se supõe serem as mesmas em que se fez a copia definitiva dos contratos iniciais da burla.

* * *

Hoje, foi interrogado mais uma vez o preso Alves dos Reis, tendo se procedido depois a uma acareação entre ele e o sr. Joaquim da Silveira, que para esse fim foi transportado do quartel de Campolide para a esquadra da Lapa.

O sr. dr. Nuno Simões deve ser interrogado amanhã pelo sr. dr. Alves Ferreira.

* * *

O Alto Comissario sr. Rego Chaves embarca para Lisboa no primeiro paquete que partir de Loanda para o continente, ficando como governador geral interino o vice-presidente do Conselho Legislativo da provincia.

O CRIME praticado na Azinhaga da Sobreira

Em audiencia de juri, presidida pelo sr. dr. Sena Sarmento, estando a acusação publica representada pelo sr. dr. Oliveira Guimarães, respondeu hoje, no 2.º distrito criminal, Isaac de Almeida, acusado de uso ilegal de porte de arma e homicidio frustrado na pessoa do comerciante Adelino Garcia. O quintanista Campos Coelho, conseguiu demononstrar a inculpabilidade do acusado, que foi absolvido.

DE LUTO

D. Maria do Carmo Barros de Carvalho

Realisou-se ontem o funeral da sr.ª D. Maria do Carmo Barros de Carvalho, mãe do nosso querido amigo sr. Guilherme Pereira de Carvalho Junior, sub-director da revista *De Teatro*. No prestito funebre, que foi muito concorrido, incorporou-se tambem o sr. governador civil, com os seus secretarios, tendo-se o *Diario de Lisboa* feito representar pelo nosso querido amigo sr. Pedro Bordallo Pinheiro.

Pelos teatros

Dora Vieira

Na revista «Pirolito», que com tanto exito está sendo representada no Foz, pela companhia que tem á sua frente Maria de Lourdes Cabral, alguns dos melhores e dos mais aplaudidos papeis são inter-

DORA VIEIRA

pretados por Dora Vieira—uma artista de valor, que ha muito se impoz pelo seu talento e pela seu trabalho honesto e consciencioso

Dora Vieira, sabe dar a cada papel a interpretação mais adequada, fazendo os numeros dramaticos com o mesmo sentido inteligente com que desenha engraçadas caricaturas de tipos populares.

Inspecção Geral dos Teatros

Um jornal da manhã de ha dias voltava a afirmar como certa a extinção da Inspecção Geral dos Teatros, dizendo que essa resolução muito agradaria a todos os artistas e insinuando que a sua existencia só tem dado motivo a impedir que alguns destes ganhem a sua vida, não lhes permitindo organizarem-se em grupos para seguir para a provincia aqueles que se encontram desempregados. De uma maneira ormal e categorica cumpre-nos afirmar que o actual titular da pasta da Instrução não se encontra disposto a que do seu ministerio sáia aquela utilissima instituição; que nenhum artista veria com bons olhos a sua extinção, parecendo que todos estão dispostos a lutar pela sua existencia e, finalmente, que a I. G. T. tem facilitado tudo em favor de quantas «tournées» se têm organisado, dentro da lei, sendo de boa pratica que se designassem os nomes das pessoas a quem honestamente se possa chamar artistas que se encontram desempregados, além dos societarios do teatro Nacional.

Atrás do reposteiro

Agravaram-se os padecimentos da actriz Maria Sampaio, ha tempo retirada da scena. Esta artista devia reaparecer brevemente no teatro S. Carlos, fazendo parte do elenco da companhia Lucilia Simões-Erico Braga.

—Deve chegar amanhã a Lisboa o dramaturgo espanhol sr. Tomás Borrás, que se faz acompanhar por sua esposa, a grande artista Anjora Jauffret (La Goya).

—Distribuição completa de «A moça de Campanillas», a nova opereta que sabado sobe á scena no Teatro S. Luiz:

«Barbara», Cremilda de Oliveira; «Maria da Luz», Maria Pires Marinho; «Gloria», Maria Laura; «Tomazia», Tereza Gomes; «Anunciação», Rosalina Saial; «1.ª raparига», Margarida Almeida; «2.ª raparига», Herminia Reis; «Miguel», Almeida Cruz; «Martinho», Alvaro de Almeida; «D. Diogo», Alvaro Pereira; «Tio Galhetas», Pereira Saraiva; «Alcaide», Abilio Baptista; «Alexandre», Abilio Baptista; «Bernardino», Adolfo Sampaio; «Gaio», Artur Silva.

—Aura Abranches e seu marido, o actor Grijó, partem brevemente para o estrangeiro. No regresso tencionam organizar uma companhia de comedia.

—Continua gravemente doente o ensaiador Araujo Pereira.

—A actriz Elisa Santos desligou-se da companhia Gil Ferreira, que trabalha no teatro do Gimnasio.

—Começa na segunda-feira a venda de bilhetes para a recita de arte que no dia 22 se realiza no teatro de S. Carlos, e cujo programa é o seguinte: Conferencia «Os Manequins», pelo distinto escritor André Brun; «Leitura e Escrita», por D. Leonor Faria e Lucinda Simões; «O Sapatinho de Setim», por Lucilia Simões e Amelia Pereira; «Manhã de Sol», por Lucinda Simões, Lucilia Simões, Erico Braga e Joaquim Almada.

—A Companhia Lucilia Simões-Erico Braga leva á scena na época de Carnaval a peça «O homem das 5 horas», de Hennequin e Veber, que vai entrar em ensaios brevemente.

TEATRO AVENIDA TELEF. N. 4356
COMPANHIA SATANELA-AMARANTE
Todas as noites, ás 21-15
O Pão de Ló

TEATRO APOLO TELEFONE N. 4129
Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha
HOJE ás 21-15 HOJE
A TABERNA

Theatro do Gymnasio
Telef. C. 2814 HOJE A's 21-15
2.ª representação de
A TIA ANDRESA

Politeama Emp. Luis Pereira — Telef. 3028 N.
COMP. REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE, ás 21-15
Representação da peça em 4 actos, de Charles Méré, tradução de Carlos Alberto Ferreira
A Tentação
com Amelia Rey Colaço, Alexandre de Azevedo, Robles Monteiro e Teodoro Santos

Sortes grandes?
só o PINA as vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

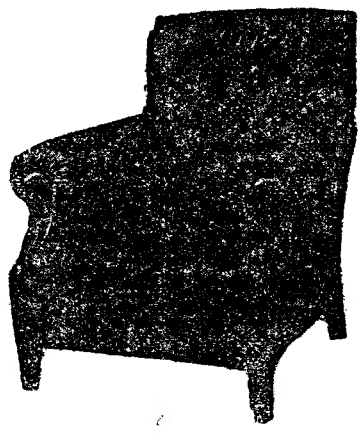
DOENÇAS NERVOSAS
Gabinete hidroterapico—C. do Duque, 20
C. da Gloria, 15—T. N. 4457
Director
Dr. J. Silvestre d'Almeida
Duas salas de douches independentes para homens e senhoras. Banhos de vapor. Massagens higienicas. Electroterapia.
Aberto das 8 ás 13 horas.
Consultas das 10 ás 12 horas

MAPLES POR CONTA DO FABRICANTE
Lindos modelos
SOUSA E BRITO—182, RUA DA ROSA, 190

FATOS e SOBRETUDOS
PARA HOMENS e SENHORAS

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
LISBOA
RUA DO OURO, 18. 24
PORTO
PRAÇA DA LIBERDADE, 28. 29
REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL
Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

ENCERADOS
CAPAS e FATOS de OLEADO
A ACTIVA
R. 24 de Julho, 8 — Telef. C. 1601-3474

CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.
MOBILIAS
GRANDE SORTIMENTO DE
CARPETES
A PREÇOS BARATISSIMOS
JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)
TEL. C. 3082


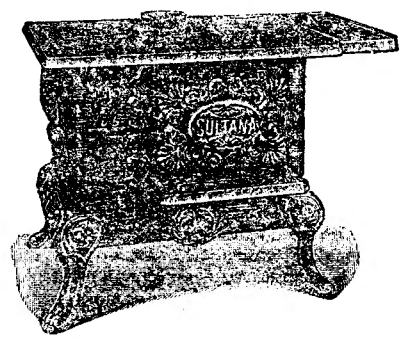
GRAND PRIX
O MAIOR PREMIO DA EXPOSIÇÃO LONDRES 1904
PREMIADO COM MEDALHAS DE OURO NAS EXPOSIÇÕES
RIO JANEIRO 1908 ANVERS 1894 BELEM 1895
LONDRES 1904 LISBOA 1906 PARIS 1889
MOSTRUARIO INDUSTRIAL PORTUGUÊS 1918, ETC.
Xarope Peitoral James
Cura infalivel de todas as tosses, mesmo as mais rebeldes, bronquites crónicas e agudas, ataques asmaticos, etc. Mais de 50 anos de curas são o melhor atestado. Aprovado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal e pela Inspectoria Geral d'Higiene dos E. U. do Brazil.
DEPOSITO GERAL: FARMACIA FRANCO, FILHOS
RUA DE BELEM, 147-LISBOA
À VENDA EM TODAS AS FARMACIAS

JOIAS ANTIGAS
Brilhantes grandes sem defeito pagamos por preço superior a todas as ofertas

TEATRO DE S. CARLOS (M/M) TELFE. C. 3063
Companhia Lucilia Simões
HOJE—A's 9 1/4 da noite
OS HOMENS DE HOJE
(Les Neuveaux Messieurs)

EDEN TEATRO Telef. N. 3800
HOJE—2 Sessões—A's 8,30 e 10,45
Fungágá

TEATRO MARIA VITORIA TELFE. N. 3644
HOJE HOJE
A's 8 1/2 e 10 1/2, as representações da revista
FOOT-BALL

FOGÕES ESCOCEZES
(MODELO «SULTANA»)


Economicos. Centenas a funcionar em Portugal.—Depositario: Herbert Cassels J.or—R. 24 de Julho n.º 56—Lisboa.

Caminhos de Ferro do Estado
Direcção do Sul e Sueste

Serviço de Via e Obras
Anuncio

Faz-se publico que ás 13 horas do dia 22 de janeiro se recebem na secretaria do serviço central de Via e Obras, no Barreiro, propostas em carta fechada para o fornecimento de seis gruas em ferro fundido, para os caminhos de ferro do Estado, direcção do Sul e Sueste. Segundo os desenhos, caderno de encargos e condições de arrematação, que podem ser examinados todos os dias uteis, das 11 ás 17 horas, na secretaria do serviço central de Via e Obras, no Barreiro, e na secretaria da direcção em Lisboa, largo de S. Mamede, ao Caldas, 63

Barreiro, 18 de dezembro de 1925.

O engenheiro-chefe do serviço de Via e Obras
Jacinto Leal d'Avila

CAMINHOS DE FERRO DO ESTADO
Direcção do Sul e Sueste

Sala de Armas Carlos Gonçalves
R. DAS CHAGAS, 22, 1.º
Secção de Educação Fisica
Gimnastica respiratoria, Massagem e Gimnastica Medica
CARLOS GONÇALVES—CARLOS DE SOUSA
Prof. diplomado Prof. especialisado

ESTRANGEIRO

HUMAGSOLAN
Cura a calvicie e evita a queda do cabelo — Remedio de uso interno
Nas boas farmacias e drogarias
AGENTES: Wirges & Simões, Lda. R. Antonio Maria Cardoso, 23—LISBOA—Telef. 1186 C.

DE FRANÇA

Está para breve uma nova crise na politica segundo se diz...

PARIS, 14.

Em certos circulos politicos consideram-se as deliberações da comissão de finanças da camara dos deputados, constituida na sua maioria por radicais e socialistas e que rejeitaram os mais vitais pontos das propostas financeiras do sr. Deumel, reduzindo se a documentos sem importancia, como uma directa indicação ao sr. Briand de abandonar o seu logar de chefe do governo. Prevê-se por tais motivos que em breve se declara uma nova crise politica.—(L)

Doumer

Vai fazer concessões

PARIS, 14.

O interesse do dia politico que hoje correu incidiu sôbre as resoluções da comissão de finanças, a qual decidiu:

1.º—Votar o orçamento em equilibrio, sendo entendido que este voto seria seguido do exame das medidas proprias para assegurar a amortisação das dividas.

2.º—Não ter em conta para o equilibrio orçamental os 3 biliões recuperados pelo sr. Loucheur, pela lei de 4 de dezembro, que o sr. Doumer desejava incorporar nas receitas orçamentais.

«L'Oeuvre» diz que o sr. Doumer será obrigado a fazer importantes concessões.—(L.)

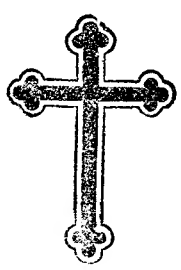
Herriot

foi reeleito presidente da Camara

PARIS, 13.

O sr. Herriot foi reeleito presidente da Camara dos Deputados, por trezentos votos contra dezaseis.

Para vice-presidentes foram eleitos Bouysson, Bouilloux, Lafort e Frederic Brunet, que veiu substituir o sr. Mistral, por alguns votos de maioria.—(L).



Julio Cardoso Pereira

FALECEU

Laura Coelho Campos Pereira e sua filha, Maria Carolina Barreiros Cardoso Pereira de Brito, Clarisse Pereira da Silva Carvalho e filha, Eduardo Julio Cardoso Pereira seu filho e nora, Luis Cardoso Pinto de Morais Sarmento sua mulher e filhos, participam o falecimento de seu marido, pai, irmão, cunhado e tio e que o seu funeral se realiza amanhã, 15, pelas 15 horas, saindo o prestito funebre da sua residencia na Avenida Duque de Avila, 114, 2.º, para o cemiterio Oriental.

A RUSSIA DOS "SOVIETS,,

O capitão JOSÉ

é um operario português

alistado nos «Evadidos da Morte»?

O nosso camarada Reinaldo Ferreira continua a publicar no «A. B. C.» o seu palpitante inquerito sobre a Russia, do qual transcrevemos hoje algumas passagens que merecem ser lidas com atenção:

«O que fazem e como vivem na Russia os «evadidos da morte»? Eis aqui o primeiro paradoxo.

O governo bolchevista, acolhendo-os a todos, declarou-lhes logo que a Russia não era um asilo gratuito para os perseguidos politicos. Podiam viver tranquilos, livres de ameaças — mas era necessario que trabalhassem. — Trabalhar? E este «ultimatum» não fez sorrir os martires da causa dos trabalhadores.

Uns, nunca o tinham feito; outros, já ha muito que tinham esquecido o oficio aprendido na mocidade; e a poucos agradava a perspectiva da fabrica, tão antipatica como a do presidio.

Foi então que o comissario Talwar se lembrou de oferecer-lhes as fileiras do Exercito Vermelho, composto, numa grande maioria, por legionarios de todas as raças, por mercenarios de todas as côres. Os «evadidos da morte» aceitaram, sem reservas, a proposta de Talwar — e hoje, na Russia dos Soviets, constatamos que quasi todos os anarquistas, todos os anti-militaristas internacionais, lá refugiados, usam fardas militares, obedecem ás ordens de oficiais que exercem uma disciplina de ferro, sobre os soldados confiados ao seu comando.

Casanellas, um dos três assassinos do presidente do Conselho, Eduardo Dato, é capitão aviador.

Reliviera, anarquista italiano, acusado de cumplicidade no atentado bombista contra Giliotti, em 1912, exibe as divisas de sargente, num batalhão de sapadores.

O quarto regimento de artilharia, aquartelado em Leningrado, é comandado por Veravitch, comunista bulgaro que tentou, em 1922, implantar a Republica dos Soviets no seu país e assassinar o rei Boris.

Darko Cheniakor, lugar tenente de Bela-Kun, no terror vermelho hungaro, é alferes de aviação.

Fèdor Treville, ex-redactor da «Humanité», anti-militarista francês, — chefia não sei que corpo de infantaria. Sei que no Exercito Vermelho estão alistados alguns portugueses e brasileiros.

Numa entrevista com Boris Ratchanko, o general-civil, fui informado da existencia dum patusco, compatriota nosso, que faz passar o nome de baptismo por apelido. Chamam-no capitão José e é dos mais habeis mecanicos de aviação. Tentei encontrar-me com ele varias vezes — mas o capitão José esquivou-se sempre a falar-me. Razões teria para isso.

* * *

Mas será de facto, o capitão José, um português refugiado na Russia para se libertar das garras da policia internacional?

Ao principio julguei adivinhar a verdadeira personalidade sintetisada pelas quatro letras dum nome de baptismo.

Antes de partir de Lisboa, alguem me garantira que José de Melo, antigo chefe da Legião Vermelha, acossado de perto pelos agentes de todos os países, tinha conseguido atravessar rapidamente a Europa e que na Russia se refugiára.

Não é verdade... Se nos três anos de atordoamento revolucionario, a fronteira russa estava escancarada para todos os camaradas perseguidos e bastava o conhecimento dum cadastro, bem tinto de sangue, para que o cadastro merecesse a protecção do governo — hoje, na serenidade relativa com que os pilotos bolchevistas manobram a politica, a sua tolerancia pelo crime social, tem uma estreiteza prudente. Até 1922, na exaltação das experiencias e na borracheira da vitoria, o crime, fôsse ele qual fôsse, tinha sempre uma explicação romantica, uma causa burgueza, provocadora e era aureolado com a palavra «martirio» quando não «heroismo».

Mas um dia, os homens que governam a Russia deixaram de ser os vendedores de opio dos «meetings» e os assaltantes á muralha do governo — para se instalarem por detrás dessa mesma muralha, e se defrontarem com os problemas que não cedem a resolução á mentira dos narcoticos.

E então, não podendo negar o que ontem afirmavam, não lhes sendo possivel julgarem o crime politico com a serena dureza dum Estado bem organisado, contentaram-se a analisar quimicamente os cadastro dos «perseguidos» que vinham, na noite sombria da sua tragedia, a bater á porta da Republica Sovietica em demanda de refugio e de paz. E, defendido com esse principio, é necessario que se prove haver «heroismo» ou «martirio», para que as trancas do portão russo se levantem e o perseguido se evada do odio burguez.

José de Melo não conseguiu obter do governo bolchevista o foguetão salvador com que contara. Da reacção do seu cadastro não reputou suficiente «heroismo» e «martirio» social... Portanto, o capitão José... não é José de Melo.

Quem será então esse José fardado e lusitano? Porque razões se negou a avistar-se comigo quando lhe solicitei um encontro? Será realmente um «az» ignorado da causa libertaria, perdido nalgum país distante? Será um desses cavalheiros de aventura, que sem convicções e sem paixão, se alitasse no Exercito Vermelho, alardeando crimes sociais, como podia alistar-se na região espanhola inventando um titulo de nobreza e um desgosto de amor? Um neurastenico á busca da morte? Um curioso? Um intrigante? Um «patusco»? Ou simplesmente um homem, cujo passado é por tal fórma tenebroso que tem de se ocultar, no proprio estado bolchevista, por detrás duma nacionalidade que não é sua?»

DE BERLIM

Para presidente do novo governo foi convidado o chanceler Luther

LONDRES, 14

O marechal Hindenburg encarregou o sr. Luther de formar gabinete.

Luther aceitou o encargo, tendo começado imediatamente as «démarches».—(H.)

BERLIM, 14

Luther conferenciou com os chefe dos partidos sobre a situação politica em face do encargo que pelo presidente Hinderburgo lhe foi conferido para organizar o novo gabinete. O chanceler subordinará a sua dicisão final aos resultados das negociações relativas á entrada dos centristas no ministerio.

O «Berliner Tageblatt» diz que a facção democratica aceitou a sua participação no futuro governo.—(L.)

Do relatorio do mês de dezembro do agente geral para os pagamentos que a Alemanha tem a fazer, resulta que nos quatro primeiros meses da aplicação do plano Dawes, ela depositou 448 000.000 de marcos.—(H.)

Teatro São Luiz
Empresa A. Ramos Lt.ª
HOJE
Unico recital da celebre cantora russa **Nina Kochitz** e do notavel pianista **Luboschitz**

NINA KOCHITZ cantará obras de **Bach, Martini, Respighi, Scriabine, Rimsky-Korsakoff, Rachmaminoff, Debussy, Ravel, Fauré, Blas de Luserna, Aguirre, Nina Kochitz** e outros compositores.—Pelo pianista **LUBOSCHITZ,** obras de **Chopin, Liset, Liadoff, Moussorgsky,** etc.
BILHETES A' VENDA

Fabrica Ancora
(Fundada ha 44 anos)
LICORES, VINHOS e XAROPES
de superior qualidade
As mais altas recompensas:
4 MEDALHAS DE OURO e 3 GRANDS PRIX
Prevenção contra as imitações
Preços reduzidos
Deposito Geral:
Rua do Alecrim, 32 a 42
N. B.—Os produtos desta fabrica estão avençados.

Joias antigas, modernas e ouro
seja qual fôr o seu valor se compram pelos melhores preços, assim como cautelas do Monte Pio Geral mesmo que sejam antigas. Na **COMERCIAL**
18, T. da Trindade, 22
(ao Chiado) Telef. C.-3892

Dr. Thomé de Lacerda
DOENÇAS DO ESTOMAGO, INTESTINOS E FIGADO
CLINICA GERAL
R. 1.º de Dezembro, 101, 2.º—Tel. 3090 N.

Miss Henderson
Professora de nacionalidade inglesa. Dá lições em sua casa e fora.
T. do Alecrim, 3, 3.º

Janotas???
Quereis vestir bem e barato? Mandai virar vossos fatos e sobretudos por Madeira, alfaiate. Aceito fatos a feitio. Rua do Mundo, 81, 3.º Telef. 487 C.

ATELIER DE CHAPEUS DE SENHORA
chics, bom gosto e onde se não pagam luxos, só na
MANON
Rua João Crisostomo, 115, 1.
Telef. N. 5551
A. NEVES

ULTIMAS NOTICIAS

Chapeus Modelos
para meia estação, encontra V. Ex.ª uma lindissima colecção recentemente recebida de Paris, no
SALÃO AUREO
246 – RUA DO OURO – 248
TELEF. 3818 N.

UMA REUNIÃO

TEM

decrescido

de 1923 para cá

o numero de obitos em Lisboa

segundo a Camara Municipal averiguou

Houve hoje sessão da Comissão Executiva da Camara Municipal de Lisboa. A's 11,30 horas o sr. dr. Corvinel Moreira abriu a sessão. Depois de descrever a fórma como se encontra a cidade no respeitante a higiene, envia para a mesa uma proposta no sentido de que a repartição de higiene seja autorisada, a titulo de experiencia, e adquirir celas-auto-depuradoras, tipo Bechari, para depuração do lixo da cidade de Lisboa.

O sr. Alexandre Ferreira declara que aprova incondicionalmente a proposta apresentada para a solução dum problema tão grave, como é o da higiene da cidade.

O sr. dr. Corvinel Moreira declara que a Camara se encontra desfalcada em mais de 2.000 bandeiras, com os emprestimos. Foi resolvido não emprestar, de futuro, quaisquer mastros, bandeiras e lanternas, sem que a entidade a quem se empresta deixe uma caução.

E' nomeado o sr. Emanuel Kohn para presidente da Caixa de Socorros do Pessoal do Municipio.

O sr. dr. Alfredo Guisado começou por declarar que, lendo com muita atenção os jornais, todas as noites, viu uma entrevista com o sr. dr. Miranda de Sousa sobre a incineração do cadaver dum oficial, que faleceu no Hospital da Estrela. A essa entrevista respondeu com uma carta. Ontem, leu nova carta do sr. dr. Miranda de Sousa em resposta á sua.

Com energia exclama:

—Isto é muito grave! O boletim que foi enviado para o cemiterio, autorisando a incineração do cadaver em questão, está assinado pelo capitão Alberto José Luís, como oficial do Registo Civil. O sr. dr. Miranda de Sousa diz que o sr. capitão Alberto José Luís não é oficial do Registo Civil. Se tal se provar, este oficial deve ser chamado á responsabilidade.

Pede ao presidente para que mande oficiar ao director do hospital a fim de se esclarecer este caso.

Tratando de mortos:

—Não sei se foi por terem aumentado um pouco as taxas dos enterramentos, o certo é que o numero de obitos em 1923 foi de 13.804; em 1924, 13.495 obitos, e em 1925, 13.034. Quere dizer: de 1923 a 1925, registaram-se menos 770 obitos!

O sr. Alexandre Ferreira, depois de propôr um voto de sentimento pela tragica morte dos dois valorosos oficiais aviadores, declara que já era intenção sua adquirir alguns exemplares de Roque Gameiro, para as escolas da Camara. Lembra a conveniencia de se ativar a fiscalisação dos taxis dos automoveis, para que estes carros não continuem a ser objectos de luxo só dos ricos.

O sr. dr. Alfredo Guisado propõe que se oficie ao sr. comandante da Guarda Republicana no sentido de se conseguir que sejam criados dois postos daquela corporação, um no Alto de S. João e outro nos Prazeres, para evitar os constantes roubos que se estão dando nos cemiterios.

O sr. Emanuel Kohn, respondendo ao sr Alexandre Ferreira, diz que a fiscalisação dos taxis se está fazendo com a maior intensidade.

* * *

Uma proposta a terminar:

«Que nenhuma licença para ocupação de vãos de escada seja consentida sem que os requerentes venham acompanhados de documentos assinados por todos os inquilinos do predio, em como se não opõem a tal concessão».

Provem os deliciosos Bifes da 'Chic'

A TARDE PARLAMENTAR

Discutiu-se

O CASO

do Teatro Nacional

Sessão aberta ás 15,30. Fala, em primeiro logar, o sr. dr. Antonio Cabral, que invoca o artigo 23.º do Regimento.

—Tenho o direito de reclamar, diz o «leader» monarquico, para que esse artigo seja cumprido. O que se está fazendo nesta casa do Parlamento merece ser corrigido. Ha mesmo, para honra nossa, que mudar de vida.

E depois de censurar asperamente a forma por que os trabalhos têm decorrido nos ultimos dias, conclue:

—Desde que a mesa começa a infringir o Regimento falece-lhe inteiramente a autoridade para bem poder encaminhar os trabalhos parlamentares.

Fala depois, na mesma ordem de ideias, o sr. dr. Mario de Aguiar. Renova as considerações feitas pelo seu «leader». Com veemencia se refere á desordem dos trabalhos nesta casa do Parlamento e indica a necessidade de se mudar de rumo.

Refere-se á prisão do dr. Nuno Simões e á forma porque ela foi realizada.

—Vejo neste govêrno a maior parte das pessoas que acompanharam o sr. dr. Nuno Simões no gabinete em que este homem publico sobraçava a pasta do Comercio. Onde está a solidariedade que eles lhe emprestavam? E se não existe, porque desappareceu ela?

Censura largamente a situação do actual govêrno, que não está á vontade nas cadeiras do poder, emquanto se não explicar cabalmente. Essa explicação, no entender do orador, tem de a dar, e quanto antes, o sr. presidente do ministerio.

Da União dos Interesses Economicos erguese então o sr. Severino Santana Marques, que durante alguns minutos fala de azeites, do problema dos azeites, da questão importantissima dos azeites.

Em defesa dos interesses da lavoura portuguesa, o orador aduz grande soma de argumentos, de provas e de numeros, defendendo os pontos de vista dos seus colegas agricultores, que tanto trabalham e tão pouco lucro podem tirar do seu trabalho.

* * *

O sr. Ramada Curto fala para o sr. ministro da Instrução a proposito do teatro Nacional:

—O português não é dramaturgo. Por via de regra é dramamifero. Mas nós temos de manter as aparencias de nação civilisada e uma fachada: a fachada do teatro Nacional. Este teatro tem sido uma aposentadoria para os Coquelins cadetes da nossa terra. E isto não pode ser, e isto não deve ser.

Interrompido com frequencia pelo sr. Velhinho Correia, o orador condena a existencia de um asilo que veiu substituir, com grave prejuizo da arte dramatica nacional, o teatro que deviamos e podiamos ter.

Qual a maneira de remediar a crise?

Diz o dr. Ramada Curto:

—Como sugestão do sr. ministro, lembro a creação no nosso país, á semelhança do que se faz em França e Italia, do chamado «diapasão normal», ou seja o contraste dos instrumentos musicos que se fabricam e vendem no país. Essa receita será consideravel e permitirá, juntamente com outras, resolver o problema.

O sr. ministro de Instrução Publica dá explicações, manifestando o seu empenho e a boa vontade que o anima para resolver, prontamente, a questão.

* * *

O sr. Ornelas da Silva levantou a questão da industria dos laticinios nos Açores, referindo-se ao perigo gravissimo que essa industria está correndo, por virtude do fabrico e da invasão de margarinas no nosso mercado.

Em resposta, o sr. ministro da Agricultura prometeu atender as reclamações apresentadas pelo deputado açoreano.

* * *

A sessão foi depois suspensa, a fim de se prepararem as eleições de vogais representantes do Parlamento para o Conselho Colonial, Caixa Geral de Depositos, Junta do Credito Publico e Conselho Superior de Finanças.

* * *

Pelo Grupo Parlamentar Democratico foi-nos fornecida a seguinte nota oficiosa:

«Presidiu o sr. general Correia Barreto, secretariado pelos srs. Felizardo Saraiva e Luís Ferreira. Presentes 52 parlamentares. Tratou-se da questão relativa aos decretos considerados por alguns parlamentares fóra das autorisações legislativas, sendo resolvido, por unanimidade, apresentar na Camara uma moção no sentido de baixarem ás respectivas comissões, a fim destas sobre eles se pronunciarem num curto praso de tempo. Foi nomeada a seguinte comissão para elaborar um projecto de regimento para as reuniões do grupo: Nunes Loureiro, Adolfo Leitão, Agatão Lança, Felizardo Saraiva, Luiz Ferreira, deputados; Artur Costa, Correia Barreto, senadores.

Tratou-se do expediente ordinario. Foi deliberado que a mesa fornecesse invariavelmente, no fim de cada sessão, á imprensa, uma nota dos assuntos tratados».

O melhor café é o da "Chic"

MANUCURE
só para senhoras
Perfumaria Flor de Lis, Limitada
RUA NOVA DO ALMADA, 83

ALFAIATARIA FRANCFORT
173—RUA ARCO DO BANDEIRA—173
Inauguração dos novos anexos
SABADO, 16
Exposição permanente e vendas no rez-do-chão do predio
Armazem, Escritorio e Oficinas
no 3.º andar, direito
Fatos, Sobretudos e Gabardines desde 300 escudos
Secção de Camisaria — Artigos de Novidade
TELEFONE NORTE 5545

AS NOTAS FALSAS

NEM

que o matem

Alves dos Reis

proferirá mais uma palavra

para esclarecimento do processo

Afinal, o «clou» da reportagem de hoje, no que respeita á burla das notas, só á tarde o conseguimos.

Alves dos Reis, o homem que tinha orgulho no desembaraço das respostas, emudeceu de todo quando, hoje de tarde, o sr. dr. Francisco Menano foi á esquadra da Lapa para o interrogar.

O juiz entreu Alves dos Reis, que não o conhecia, teve para o recemvindo um gesto cortez de cumprimento, e preparou-se para o que désse e viesse.

O sr. dr. Menano comunicou-lhe, a fingir que acreditava no rigor da incomunicabilidade a que o preso se dizia sujeito, que o sr. dr. Pinto de Magalhães já não era o instrutor do processo; que fôra substituido pelo sr. dr. Alves Ferreira, juiz do Supremo Tribunal de Justiça; que ele, ali presente, era, a um tempo, seu ajudante e delegado do ministerio publico no Tribunal da Boa Hora.

O preso fingiu, por seu turno, que não sabia ainda da mudança do magistrado; e o sr. dr. Menano foi se dispondo para a missão que ali o levava: interrogá-lo e acareá-lo depois com o sr. Joaquim da Silveira, a quem Alves dos Reis acusára tambem, como tem acusado outros.

—Pois... sr. dr: só uma declaração farei. A de que me recuso terminantemente a proferir mais uma palavra que seja, emquanto não fôr pronunciado.

O juiz ficou perplexo.

—E' uma questão pessoal? Se vier outro colega meu, falará como é preciso que fale?

—Venha quem vier. Até póde vir o sr. dr. Crispiniano da Fonseca executar as suas ameaças de violencias; que nada mais direi, nem que me matem!

—Parece-me conveniente lembrar-lhe que sabemos tudo. Que temos descoberto toda a meada da investigação. E sendo assim...

—Dê por onde der! Não falarei mais! Dos meus labios nem mais uma palavra sairá emquanto não me pronunciarem!

O magistrado insistiu, argumentando:

—Não lhe parece horrivel que estejam pessoas inocentes—se porventura as ha—a sofrer, mercê das suas acusações e, agora, do seu silencio, as torturas da prisão?

—Escusa de teimar! Nem que me matem, proferirei mais uma palavra!

—Note bem: não sou creatura que use de «trucs» para provocar confissões de presos; mas um apelo lhe faço. Se é certo, como creio, que sua mulher representa na sua vida uma afeição séria, um culto intimo que a tudo sobreleva, e que seus filhos lhe podem inspirar uma atitude de respeito por si propric, por eles lhe peço que diga a verdade toda para que inocentes não sofram mais por sua culpa.

Alves dos Reis tomou uma atitude rigida, solemne, teatral, e respondeu:

—Pela honra de minha mulher lhe juro que tenho dito sempre a verdade!

O juiz, seguro de que aquele juramento era uma mentira tremenda, teve um arripio de pasmo. Puxou por um documento que era a prova provada, inegavel, incontroversa, do crime que Alves dos Reis cometeu, e, mostrando-lho, perguntou:

—Conhece esta letra?

O preso empalideceu. Depois, recorrendo a toda a força dos seus nervos, simulou uma certa serenidade para responder:

—Conheço... E' minha ..

Houve, da parte do magistrado, um olhar que era ao mesmo tempo, de compaixão e de censura, e ouviram-se estas palavras a fechar a violenta scena:

—A tanto não era crivel que chegasse o descaro de um homem!

* * *

A's 18 horas o sr. William Waterlow recebeu, no «Avenida Palace», os jornalistas, nada tendo adiantado de interessante sobre o caso das notas.